

A OUTRA MÃE

DIANE PAYNE

- Ei, Sra. Prins!

Grito enquanto aceno na direção da janela de sua cozinha.

Em cima do trepa-trepa, estico-me através da cerca que limita a escola em direção à sua casa, acenando freneticamente, mas ela parece não perceber. Seu marido, porém, percebe. Ele fecha as cortinas da cozinha.

A Sra. Prins é minha professora da terceira série, ainda que às vezes eu a chame acidentalmente de "mãe". Sei que ela não é minha mãe, mas não posso deixar de ter esperanças que ela me adote se minha mãe morrer de câncer. A Sra. Prins não sabe nada a respeito dessa esperança, mas sabe que eu gosto dela o suficiente para brigar depois da aula com os garotos que caçoam de sua boca virada para cima. Metade de sua boca está sempre sorrindo porque ela fez uma operação no nervo e as crianças sentam-se em suas cadeiras curvando metade da boca, caçoando da Sra. Prins pelas costas.

Enquanto me balanço no trepa-trepa, não consigo entender por que o Sr. Prins fechou as cortinas na minha cara. Isso faz tanto sentido quanto os meninos caçoarem da Sra. Prins.

Talvez ele não tenha me visto balançando nas barras, acenando há um metro e meio de distância de sua janela. Através das cortinas de sua sala de estar posso ver a Sra. Prins sentada no sofá lendo o jornal. Começo a acenar e a gritar olá novamente. O Sr. Prins se aproxima e fecha essas cortinas. Agora eu sei que ele me acha inconveniente.

Com todas as cortinas hermeticamente fechadas, permaneço no trepa-trepa do playground vazio, temendo ir para casa, desejando que o Sr. Prins não me considerasse uma peste. Se ele não 'estivesse lá, a Sra. Prins me convidaria para entrar. Só porque não há mais aulas naquele dia ela não pode começar a me considerar uma peste de repente.

No primeiro dia de aula, a Sra. Prins me perguntou:

- Você não é a garota que costumava ter aquele lindo cabelo longo?

Eu ainda não a conhecia e fiquei preocupada com o motivo de ela ter me notado. Antes das aulas começarem eu havia cortado meu cabelo para me assegurar de que não passaria mais um ano com uma professora cruel puxando meu cabelo cada vez que eu fizesse algo errado. Agora todo o meu cabelo está dentro de um saco de papel na gaveta da cômoda de minha mãe, a salvo de professoras cruéis. Parada no trepa-trepa com o cabelo curto, imagino como seria ter a Sra. Prins penteando meu cabelo longo enquanto sento-me a seu lado no sofá. Mas não há mais cabelo e as cortinas estão fechadas.

À medida que o céu escurece, a Sra. Prins entra em seu jardim e me oferece alguns biscoitos de manteiga de amendoim e um copo de leite. Ao invés de dar a volta no playground, pulo a cerca, esperando impressioná-la com minha força, mas ela parece preocupar-se quando rasgo minha camisa ao cair do outro lado da cerca. Dessa vez não há sangue, só uma camisa rasgada, não um corpo machucado.

- Você não tem que ir para casa depois da escola? - ela pergunta.

- Claro, mas não imediatamente.

Sentamo-nos nas espreguiçadeiras comendo nossos biscoitos.

Agora que estou finalmente em seu jardim, não sei o que dizer.

- A senhora acabou de fazer esses biscoitos?

- Depois da aula.

- São os melhores que já comi - eu disse, certa de que ela os fizera especialmente para mim.

Quando termino os biscoitos, sei que é hora de voltar andando para casa através da colina de cerca de oitocentos metros. Agradeço à Sra. Prins pelos biscoitos, deixando sua casa silenciosa para trás, cortando caminho lentamente através das aléias e olhando por cima das cercas para os cachorros, imaginando se meu pai estará em casa para o jantar ou em um bar, bebendo. Sinto-me culpada por não ter ido imediatamente para casa para preparar o jantar, fazendo mamãe cozinhar quando sei que ela não está se sentindo bem. Imagino o que a Sra. Prins está fazendo para o jantar e resolvo que será iscas de peixe congeladas e uma caixa de macarrão com queijo. É isso o que nós vamos comer.

À noite, escrevo uma história a respeito de Pepper, nosso cachorro. A Sra. Prins quer que a turma escreva histórias sobre pessoas que são importantes para nós, mas parece que todos os humanos importantes para mim dariam uma história triste.

Pepper é diferente. Está preso em casa, nem morrendo nem bebendo, apenas esperando alguém para brincar com ele.

Alguns dias depois de entregar minha história, a Sra. Prins me pergunta se pode falar comigo após a aula. Concordo e então passo o dia inteiro preocupando-me com o que devo ter escrito errado. Três vezes vou ao banheiro chorar, certa de que, de alguma forma, eu feri seus sentimentos. Porém, depois da aula, a Sra. Prins tira minha história de dentro da gaveta de sua escrivaninha e pergunta:

- Posso ficar com isso?

- Por quê?

- Porque quero guardá-la em uma gaveta especial em casa com todas as minhas histórias favoritas.

Ela parece estar prestes a chorar e quero pedir-lhe a história de volta, apenas para ler o que eu disse que poderia fazê-la se sentir assim. Mas não posso falar sem chorar. Então ela me abraça e meus olhos se enchem de lágrimas.

Voltando para casa, sei que mesmo que eu nunca durma em sua casa, minha história dorme e isso é suficiente para fazer com que a Sra. Prins pareça ser minha mãe. Esta será minha mãe com metade do rosto sorrindo enquanto seus olhos se enchem de lágrimas. A mãe para quem posso olhar enquanto subo no trepa-trepa. E, mais importante, a mãe que entende minhas histórias.